

VIDA MUNDIAL



# ILUSTRADA



Assim veremos Barreto Poeira, notável actor do Cinema Português, na sua nova criação. Barreto Poeira, segundo se afirma, deve estrear-se, brevemente, como actor do Teatro Declamado.

(Foto João Martins)

ANO V

PREÇO AVULSO 1\$80 ~ 28 DE MARÇO DE 1946

N.º 253





Ismet Inonu quando foi nomeado presidente do Governo, em 1923

# DE HOJE POR PERO SAVORITI

General, diplomata, religioso, Inmet Inonu — o segundo e actual presidente da República Turca — pôde bem ser o homem que venha atear de novo o rescaldo europeu.

Brusse, celebre pela sua mística mesquita verde.

Do lado de lá do rio está o exército grego que, depois de dois meses de inação, prepara-se para dar o golpe final à resistência kemalista que se opõe pelas armas às mutilações da Turquia Impostas pela Conferência de Londres. Do lado de cá do rio o exército revolucionário turco, inferior em número e em armamento, mas animado pela férrea vontade de expulsar o invasor do solo pátrio que, de Ankara, torna a encontrar o caminho da ressurreição nacional.

Comandava as tropas turcas um general da Anatólia, pequeno, magro, nervoso, sem grande aspecto marcial, mas vibrante de uma intensa, mal contida energia, que sabia infundir enorme entusiasmo nos seus homens.

A batalha apresentava-se dura e o seu resultado, era sabido, teria decidido dos destinos da nação turca, que acabava de apertar fileiras, sob o impulso do desespero, em torno dos dirigentes de Ankara. E desde a alvorada até ao amoltecer os combates continuaram extenuantes, sangrentos.

As mulheres da Anatólia, substituindo os transportes que faltavam, levavam para as linhas imediatas da luta encarniçada, sobre os seus ombros robustos, as munições para as peças esbraseadas pelo fogo con-

tinuo. Garotos, no meio das tropas, animavam a luta cantando cânticos nostálgicos das montanhas. Montado no seu cavalo, o comandante turco, que bem sabia o preço vital da aposta, não dispunha já de reservas para preencher as espantosas lacunas das suas fileiras. Iniciava os soldados com a presença, com a voz, com o exemplo. A preponderância numérica dos helénicos principiava a quebrar perante a decidida vontade dos turcos. Mas ao cair da noite a batalha ainda continuava e torna-se mais violenta na madrugada do dia seguinte. Num dado momento ela parece estar perdida por parte dos turcos, mas num último assalto de redobrada energia as tropas kemalistas, que durante a noite haviam recebido reforços de bandas de camponeses descidas das montanhas, logram, por fim, vencer o inimigo. Na noite do dia 31 de Março de 1921, a batalha termina. Os gregos retiram-se em desordem. Na madrugada do dia 1 de Abril, sob a pressão do exército turco, essa retirada transforma-se em fuga desesperada. O último torrão do território turco está para ser libertado.

O general turco manda um telegrama ao seu chefe em Ankara com as seguintes palavras: «O inimigo abandonou em nossas mãos o campo de batalha onde jazem milhares dos seus mortos». Ao que Kemal Atatürk

responde: «Vencestes não só o inimigo como a sorte adversa da Nação».

O victorioso general turco chama-se Ismet Paçhâ. Depois desse dia, tomando o nome do rio que os seus soldados haviam tingido de sangue, ele passou a chamar-se Ismet Inenu.

\*\*\*

Em 21 de Novembro de 1922 estava reunido em Lausanne o aréopago das nações vencedoras, para atender as solicitações da nova nação turca, cujo delegado devia ir a chegar. Em volta da grande mesa da conferência estavam alinhadas cómodas poltronas. A única cadeira sem espaldar era a que se destinava ao delegado turco. Este, quando chegou, perguntou o motivo daquela diferença. Ele era um homem de pequena estatura, pouco imponente, magrículo, com uns pequenos bigodes grisalhos num rosto amorenado, vincado por escórias sobranceiras. Um ser modesto, quase insignificante, naquela imponente atmosfera da sala da Conferência. Respondendo-lhe que não havia sido possível encontrar em Lausana poltronas iguais para todos.

«Pois... eu voltarei quando as tenham encontrados» — respondeu sorrindo e abandonando a sala. Escusado será dizer que a poltrona foi encontrada imediatamente.

O delegado turco à Conferência de Lausanne era aquele mesmo Ismet que, como general, vencera os gregos e não queria agora, como diplomata, deixar que lhe arrancassem das mãos uma vitória tão árduamente conquistada.

Teve início a Conferência. O Presidente, sabendo que Ismet sofria de uma ligeira surdez, começou a ler o memorandum com o qual eram praticamente rejeitadas todas as propostas turcas, em voz altíssima, quase aos gritos.

Ismet Inenu ouvia-o tranquilamente, sempre sorrindo, com uma expressão de quase amargura. Os delegados olharam então uns para os outros. «Não será certamente este bom turco quem levantará dificuldades...».

N'inal da leitura, Ismet levantou-se, sempre sorrindo e, levando a mão ao forma de concha ao ouvido: «Não percebo bem — eu sou um pouco surdo... Não se importava de ler tudo de novo?»

O Presidente, furioso, saltou da sala batendo com a porta. A sessão teve de ser marcada para outro dia.

Mesmo mais tarde a Conferência dava plena satisfação às propostas turcas. Ismet Inenu, de regresso à Turquia, foi aclamado, pela segunda vez, como o salvador da sua pátria.

Em 29 de Outubro de 1923, liberta da escravidão do estrangeiro e do despotismo dos Omanni, era proclamada a República turca. Ismet Inenu era nomeado Primeiro Ministro.

Com a morte do «Gadis Kemal Atatürk, a nação proclamou por unanimidade seu sucessor e continuador da sua obra já realizada, o gené de Inenu, o diplomata de Lausanne.



Ismet Inonu

O Presidente Inenu e sua filha

Desde esse dia Ismet Ineunu, segundo Presidente da República Turca, guia os destinos da Turquia.

\*\*\*

O dia do Presidente Ineunu decorre baseado naquela simples austeridade que caracteriza toda a sua vida. Não é madrugador. Para contrabalançar, talvez, com os antigos alvôcecos da sua vida de soldado, Ismet Ineunu nunca começa as suas actividades antes das 10 horas. A manhã é dedicada em geral aos seus cavalos, que adora — o que não lhe impede de trocar, todos os anos, o seu cavalo preferido por outro — e às suas lições de idiomas. Há poucos anos atrás, como língua estrangeira só conhecia o francês. Mas depois de ter sido nomeado Primeiro Ministro sentiu a necessidade de compreender e falar nos diplomáticos nos seus respectivos idiomas — embora não fosse lá o que se pode chamar um jovem — passava das cinco horas — decidia-se com tenacidade ao estudo do inglês e do alemão. Hoje em dia fala correctamente essas duas línguas. Nas longas conversas matutinas com o seu professor de inglês, enquanto assiste a exercícios hipicos, ou cavalegando ele próprio, não é só acerca de filologia que se fala, pois são passados em revista os problemas mais variados. Foi por essa razão que ele escolheu para seu professor o senhor Sekip Engineer (Sekip Bey, como lhe chama familiarmente) um dos homens da Nova Turquia mais versado em assuntos políticos da actualidade, antigo director da Imprensa Estrangeira, actual deputado na Grande Assembleia.

A primeira fase do dia de Ismet Ineunu termina cedo, de tarde, depois de se dedicar algum tempo a curiosos trabalhos, que são, para Ismet Ineunu, as únicas distrações que a si próprio, concede. Trata-se de pequenas manias, às quais esse homem de Estado se entrega com todo o entusiasmo da sua natureza exuberante e sedenta de conhecimentos. Anos atrás eram os motores eléctricos que o apassionavam. Construir motores, introduzir neles algumas modificações, desmontá-los e remontá-los, muitas vezes, era a sua alegria. No palacete onde reside e de onde se domina Ankara, havia, então, uma oficina que nada tinha a invejar à oficina do mais moderno mecânico. Passada a mania da electricidade, outra surgiu que ainda nele perdura: a rádio. Dizem alguns dos seus intimos que ele descobriu um sistema para purificação da radiofonia, suprimindo toda a inflexão mecânica, tornando a voz o mais natural possível.

A almoço é absorvido à pressa, e desde as quatro da tarde em diante o Presidente dedica os seus cuidados aos negócios do Estado, cuidando relatórios, recebendo em audiência os seus mais intimos colaboradores, marcando directrizes. Isso até à noite. Depois, o Chefe do Estado turco torna a ser de novo um excelente chefe de família. Sua esposa, uma filha e dois filhos formam a sua volta um quadro da mais repouante intimidade. Algum amigo, depois do jantar, vai até à sua casa satisfazer uma paixão de Ismet: o xadrez, que joga como um mestre, e em quem é um verdadeiro mestre no jogo de xadrez.

Muitas vezes o jogo cede o lugar à música. Ismet Ineunu é um grande apaixonado pela música e toca a primor o violoncelo. A esposa acom-



Aqui vemos o Presidente da República Turca com sua sogra, sua mulher e filha. A maneira de vestir da sogra e da esposa de Ineunu marca a evolução operada nos costumes turcos entre os duas gerações.

panha-o ao piano. Os amigos formam o auditorio. As ondas musicais descem pelas janelas abertas até as varandas dos guardas de escolta. Depois os amigos despedem-se. Apagam-se todas as luzes no palacete presidencial. Uma só fica acesa através da noite. É a do gabinete onde o Presidente fica à ler, muitas vezes até alta madrugada.

\*\*\*

Segundo a Constituição turca, a figura do Presidente da República é igual à do Presidente da ex-República Francesa. A de um Chefe de Estado com um significado simbólico mais do que executivo. Uma espécie de Rei constitucional que as eleições deveriam teoricamente renovar de quatro em quatro anos. Mas, Ataturk primeiro e depois Ineunu, com a sua forte personalidade de fundador do regime, fizeram com que o Presidente da República, além de Chefe do Estado constitucionalmente eleito, seja, de facto, o titular do governo da Nação, a politica interior e exterior da Turquia que, tanto nas suas linhas gerais, como em todos os detalhes, é dirigida pessoal e sómente por Ismet Ineunu.

Místico devotado à revolução de Kemal Astartuk, Ismet Ineunu cre firmemente no verbo do chefe desparecido. Toda a sua politica interna é baseada no fervoroso respeito da vontade de Kemal.

Apenas num aspecto a sua ideologia se separa nitidamente da do antigo chefe. Enquanto que o «Gazi,

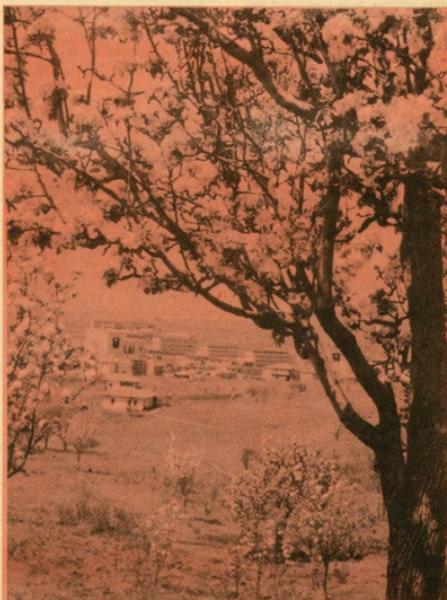
sendo ateu, tentou transformar a Turquia, usando mesmo de algumas formas de repressão rigorosa, numa nação atea, Ineunu, que é um muçulmano profundamente crente, praticante que nunca fez segredo — nem quando perdera ser perigoso frequentar demasiadamente a mesquita — nem tão pouco faz hoje, da sua profunda fé na religião de seus pais.

A grande intuição politica e o grande conhecimento que Ineunu tem do seu povo, ajudando-a a trilhar por um caminho cheio de dificuldades. Ele prossegue, com equidade espartana, a estrada marcada pelo seu predecessor. Sob a aparência por vezes

bonachetrona, sempre natural, de Ismet Ineunu, escondem-se uma decisão e uma força de vontade que podem ser implacáveis.

A psicologia e a preparação politica de Ismet, assim como a resolução da maioria do seu povo em segui-lo com cega, quase fanática, confiança, podem representar um grande, um importante e até mesmo um imprevisto lance no curso dos acontecimentos que se preparam ao longo da ponte que separa e ao mesmo tempo que une a Ásia e a Europa.

FOTOS DE P. SAPORITI



Uma vista de Ankara. O palácio de Exposições.

Primavera em Ankara

# HISTÓRIA

## DA NOVA GUERRA MUNDIAL

POR CARLOS FERRÃO

### CAPITULO XXXI FORTES DE DEFESA

A falta de potencial humano era, efectivamente, a causa principal das dificuldades com que a Alemanha lutava no começo de 1943. E ele que está na origem e basta para explicar a sua derrota final, apesar de a guerra se haver prolongado ainda durante dois anos e meio. Mas nessa altura, a sua situação era já francamente difícil, e as medidas de emergência adoptadas no interior do Reich, para lhe fazer face, indicavam claramente que os dirigentes nazis se encontravam decididos a recorrer a todos os processos para evitar uma derrota rápida que seria fatal para os seus desígnios.

A quanto se elevavam, nessa data, já, as perdas sofridas pelos alemães nos campos de batalha em meados de 1938, em que tomaram a iniciativa de invadir a Polónia? E, por outro lado, como haviam alargado, desde essa data, as suas responsabilidades que só podiam ser satisfetidas pelo emprego de um número, cada vez maior, de homens? As respostas encontradas para essas perguntas podiam considerar-se já nessa altura desoladoras.

Calcula-se que, depois das batalhas da Primavera de 1943, o número de baixas sofridas pelas forças armadas alemãs se elevava a seis milhões. Durante esse ano as baixas suportadas pelos alemães na frente leste, incluindo Estalinegrado, tinham sido de cerca de um milhão e seiscentos mil, e na campanha de África elevavam-se a cerca de quatrocentos mil.

Apesar de nunca terem sido fornecidas pelo Governo do Reich, números oficiais sobre o montante e a natureza dessas baixas, bem como sobre a sua descriminação, os cálculos feitos pelos militares aliados chegavam a uma conclusão, que os factos inteiramente confirmaram sobretudo a partir da Primavera de 1943, altura em que, no interior do Reich, começaram a ser adoptadas providências extremas que revelavam até que ponto as batalhas travadas em três anos e meio de luta tinham sangrado as reservas humanas do povo alemão, de modo verdadeiramente insustentável a sua posição.

**DURANTE OS TRÊS PRIMEIROS ANOS DE GUERRA AS PERDAS ALEMÃS EM MORTOS, FERIDOS E PRISONEIROS ANDARAM À VOLTA DE QUATRO MILHÕES**

Sobre uma população total de 83.000.000 de habitantes, base de recrutamento para as forças armadas

alemãs, os dirigentes do Reich tinham chamado às fileiras, até ao fim do ano de 1942, apenas um número que, segundo os melhores cálculos, andava à volta de 11.600.000. Estes números precisam uma explicação complementar para poderem ser entendidos. A base de recrutamento de 83.000.000 não se referia apenas à população do Reich, a qual não excedia 72.000.000. Incluía igualmente as populações da Austria, 7.400.000, e da região dos sudetas anexa em 1938, a qual andava à volta de 3.600.000.

Na população de 83.000.000, calculada para o grande Reich, havia que considerar 19.250.000 indivíduos em idade militar (entre os 20 e os 40 anos). Mas destes, nem todos tinham sido chamados às fileiras por circunstâncias diversas. O número de indivíduos chamados às fileiras elevava-se a 15.700.000, dos quais 11.600.000 estavam efectivamente colocados sob as ordens do Alto Comando. Compreende-se que sobre este número, o montante das baixas calculado até final de 1942 em 4.100.000, exercesse uma grande influência. Essa influência era tanto maior quanto é certo que as baixas se haviam registado sobretudo em elementos vitoriosos que constituíam a elite do exército das restantes forças armadas alemãs. Essas baixas, são, sem dúvida, as mais sacrificadas, e constituíam um prejuizo que só muito dificilmente poderia ser compensado. Por outro lado era evidente que a incorporação de novas classes que entravam a fôrça, não bastava para compensar essas baixas nem em relação à quantidade nem sobretudo em relação à qualidade. Na estepe russa e nos areais africanos, havia efectivamente ficado sepultado a fina flor dos exércitos alemães que tão orgulhosamente se tinham lançado à conquista da Europa no Outono de 1939. E os que se destinavam a substituí-los e que haviam tombado não tinham certamente nem a sua energia nem a sua fé.

**DURANTE O ANO DE 1942 E A PRIMAVERA DE 1943 AS BAIXAS SOFRIDAS PELAS ALEMÃS AUMENTARAM EXTRAORDINARIAMENTE EM CONSEQUÊNCIA DO CURSO DESFAVORÁVEL DA LUTA**

Entre Março e Outubro de 1942, durante o período activo de operações nos teatros de luta onde a Wehrmacht tinha de bater-se, o volume de baixas aumentou extraordinariamente, em consequência do curso desfavorável das operações na frente leste. Foi durante esse período que o Alto Comando alemão fez um esforço desesperado para realizar, mesmo à custa dos maiores sacrifícios, os seus objectivos lançando o Causaco e ocupando Estalinegrado. Ambas estas operações se malograram. Mas os sacrifícios considerados para a realizar excederam todos os cálculos, mesmo os mais pessimistas.

Foi perante essa sangria incógnata, que os chefes militares reconheceram a impossibilidade de proseguírem na realização de uma estratégia de ofensiva limitada, cujas consequências já estavam a fazer-se sen-

tir em condições excepcionalmente pesadas para a população alemã. E foi ela que justificou o discurso histórico do Fuhrer, pronunciado em 30 de Setembro de 1942, no qual se anunciava que, a partir desse momento, a Alemanha passava da ofensiva contínua à defensiva sistemática. A hora preta da guerra relimpago passara definitivamente. Tinha acabado a vitória fácil alcançada pelas por baixo prezo.

As batalhas que, de futuro, se travariam a leste e ao sul da Europa, pelo entretanto se havia registado o desembarque dos Aliados no Norte de África, seriam conduzidas sobre a base de mais custosos sacrifícios, pois os anglo-americanos, ao contrário do que acontecera até essa altura, começaram a mostrar os seus exércitos terrestres devidamente apetrechados para ombrear com os grandes exércitos de tipo continental que, como o exército alemão e o exército russo, haviam praticamente monopolizado a evolução das operações terrestres. Essa transformação, porém, devia contribuir poderosamente para apressar a ruína da Alemanha pelo que dista respectivamente do tipo humano que ainda lhe restava.

**AS BATALHAS DE ESTALINEGRADO, DO CAUCASO E DA TUNÍSIA FORAM AS MAIS CUSTOSAS QUE OS ALEMÃS TRAVARAM EM TODO O CURSO DA GUERRA**

Em Estalinegrado e no Caucazo, no Donetz e no Dnieper, os russos puderam realizar, entre Março e Outubro de 1942, uma série de movimentos ofensivos que custaram aos alemães um número elevado de baixas. Durante essas operações revelou-se, exuberantemente, a falta de profundidade do sistema defensivo alemão. Foi essa falta de profundidade, devida à escassez de efectivos, que se revelou fatal em certos sectores da frente leste, especialmente naqueles que o Alto Comando teve de confiar à guarda dos países satélites. A rotura

da frente húngara, no sector de Voronej, esteve na origem do desastre de Estalinegrado. Esse episódio não deve considerarse isolado no conjunto das operações, realizadas pela Wehrmacht durante esse período, na frente leste.

Mas foi sobretudo nas batalhas de Estalinegrado e da Tunísia, as que ficaram na história desta guerra como as que decidiram do seu desfecho, que os alemães sofreram o maior número de baixas. Não é exagerado classificá-las como empreendimentos suicidas que encontram apenas uma explicação plausível no desespero que se havia apoderado dos dirigentes nazis e que os forçava a abandonar os chefes militares que se mostravam opostos à realização de uma estratégia de sacrifício que não podia deitar de si saldar por um desastre final e irremediável.

Quando a luta em Estalinegrado e na Tunísia terminou, o cálculo das baixas sofridas pela Wehrmacht elevava-se a 6.000.000 de indivíduos. Este número bastava para dizer até que ponto o Reich era obrigado a considerar a necessidade de rever os seus planos e os seus métodos, refugiando-se numa estratégia defensiva, classificada como retirada elástica, a qual constituía o sintoma mais claro e inequívoco da sua fraqueza humana. A essa estratégia correspondia a criação de um mito com o qual se tornava indispensável alimentar a imaginação do povo alemão. Esse mito chamava-se a «fortaleza europeia», e foi à volta dele que, a partir do começo de 1943, começaram a exercer-se todos os esforços da gigantesca máquina de propaganda alemã. Os acontecimentos haviam de demonstrar que, como os restantes mitos inventados pela fecundidade imaginativa dos alemães, esse também estava destinado a ruir num prazo de tempo relativamente curto.

(Continua)

## ¡Nervosos! Engatados!

O excesso de trabalho, as preocupações, a vida dinâmica, produzem um desgaste no seu sistema nervoso, a parte mais nobre do organismo

Os nervos cansados são responsáveis da fadiga e depressão, da sua falta de memória, da sua excitabilidade.

Se notar qualquer destes sintomas, consulte o seu médico e recorra com confiança ao Fosforo Ferrero.

Depois de um breve tratamento, os seus músculos tornam-se tão vigorosos, o seu cérebro funcionará melhor, o equilíbrio dos seus nervos e o bem estar físico dar-lhe-ão mais vida, tornando-lhe o trabalho fácil e agradável.

Peça sempre o legítimo Fosforo Ferrero  
A venda em todas as farmácias em caixas de 20 e 40 comprimidos

Quando os nervos estão inflamados a mínima queixa traduz-se com violência

Os nervos, sempre multissimos, tornam-se responsáveis quando de se nervos estão alterados

Quando de negligência necessita saúde e energia para desenvolver o trabalho em detalhes

Quando um dia forte não pode vencer condições de seu musculatura, uma pequena quantidade de Fosforo Ferrero

**Fosforo Ferrero**  
SUPER ALIMENTO VEGETAL DE ALTO PODER RECONSTITUINTE E NUTRITIVO

AGUARDENTE VELHA  
**Neopolit**  
a prova está na prova

# GENERAL DE GAULLE

O general De Gaulle, a ruído do misto, no pequeno aldeia de Fagnon.



**"O PRIMEIRO RESISTENTE DA FRANÇA" NÃO É AGORA MAIS QUE "O SR. DE GAULLE"**

**HÁ TRINTA ANOS O QUE NOS DISSE**

## Ladislau Batalha SOBRE A ENERGIA ATÓMICA

**F**AZEM-SE, actualmente, muitas *dipressões atómicas*. E é muito em França se atomizam os espíritos com hipóteses *ofensivas atómicas*, em Portugal também rebenta a bomba. Não causou estragos nem vitimas porque — a razão é simples — era uma *Bomba... de letras* e bomba sobre bomba. A todo o momento o assunto dá que falar, e estamos bem certos que há e haverá pano para mangas...

O que é uma bomba atómica? — perguntará um menino ignorante (o que é natural) ao papá, neste assunto pouco mais sabedor. Parece irrisório, talvez, que em plena era atómica haja quem faça interrogações desta natureza. Porém, aqueles que se julgam possuidores de tal conhecimento devemos lembrar que se fala agora muito na escamoteação dos planos para a bomba atómica. Se tal é verdade, o recurso a um tal extremo mostra que as coisas não são tão fáceis como se julga.

Certamente, as bases teóricas do engenho em questão já eram conhecidas pelos cientistas do período ante-guerra, mas a obtenção rendosa do U-235 e outros pormenores que aqui não pertencem, neles reside o tal segredo.

### O QUE NOS DISSE LADISLAU BATALHA

Nem sempre apenas os sábios ou os que têm certa cultura, se intrometem em problemas como este, de que vimos tratando, com mais ou menos felicidade. Tanto assim que, homens aias notáveis noutros sectores da actividade intelectual se dispuseram a discutir sobre a energia atómica; e isto com grande prejuizo para a sua reputação, quanto a nós.

Com Ladislau Batalha não sucedeu tal. Num livro datado de 1908, e portanto nos primórdios da Radioactividade, fez previsões quanto ao uso da energia atómica tais que, pela sua oportunidade e quase desconhecimento, resolvemos transcrever e comentar. É do livro «O Negativismo», pleno de observações mordazes, a pág. 217:

«Os produtos da irradiação da matéria, quando aproveitados no futuro, têm de permitir o descanso das minas, pois é inquestionável que o carvão tornar-se-á desnecessário por fraco, volumoso e porco.

As novas aplicações determinarão, talvez, o fim das guerras entre nações, por impossíveis, pois a energia intra-atómica contém numa *ed* fracção do grama, quando se souber aproveitá-la, bastará para fazer ir pelos ares uma cidade como Lisboa ou para destruir em menos de um segundo um exército qualquer, numerozo como o alemão ou o japonês.

Tão poucas palavras! — dirá o leitor.

Mas dizem muito — retroquimos nós. Repare-se que passaram quase quarenta anos, e que hoje quase em meados do século das luzes — perdão, do século atómico — se queima uma cidade que não é Lisboa mas foi Hiroshima ou Nagasaki. Não se destrói um exército alemão ou japonês, mas pouco faltou...

Quando ao fim das guerras, veremos, o que Ladislau Batalha

(Continua na página 18)

**E**M plena liberdade, longe da politica e da vida activa que foi, durante tanto tempo, o seu dia-a-dia, o general De Gaulle, o primeiro resistente da França, vive agora em Fagnon a vida calma de todos os habitantes da pequena aldeia.

Todos eles se habituaram a considerá-lo como um dos seus e a tratá-lo, simplesmente, por «Mr. Charless».

O povo arranja sempre uma maneira familiar de tratar aqueles que estima...

Como todos os bons católicos da terra, De Gaulle vai, todos os domingos de manhã, à missa, celebrada na pequena igreja local.

Foi aí que os repórteres fotograficos, indiscretamente, registaram nestas fotos a vida tranquila do homem que preferiu a vida modesta e simples que hoje vive à confusão de Paris, e que preferiu ser um homem de aldeia a ser um homem do mundo...



Quando passava, o general encontrava um dos filhos da Resistência em Andennes, que lhe fala, timidamente, dos seus feitos.



Aqui De Gaulle viu acompanhada pela família. Que se veja alguns membros da família.



**MONTEGIL**

MAQUILLAGE PERFEITA  
COM PÓ DE ARROZ E  
ROUGE «MONTEGIL»,  
DOIS PRODUTOS INE-  
GUALAVES.

**L**ENDAS de milagre e de so-  
nho — são, no seu abstracto,  
lendas de amor. Pomos de oiro  
no jardim encantado da fanta-  
sia, ou frutos das essências supra-  
finas dos prodígios da fé religiosa,  
polarizam as almas, nimbam-nas de  
poesia, alçandam-nas às regiões  
misteriosas, em que a realidade, sob  
a luz sideral que a inunda, se envolve  
na dalmática irisada da poesia. Real-  
idade e poesia abraçam-se e confun-  
dem-se, nas mesmas linhas rutilas e  
esvoaçantes.

Assim: a lenda castelhana de Santa  
Caçilda, que extrai de velha revista  
espanhola, recorre-se ante a minha  
visão, introspectiva e magoada, com  
selvático e balsamo, das dores lancin-  
antes que, há pouco aldrá, nassua-  
lham o mundo. E quebrará tam-  
bém, com os doces reverberos da sua  
ingénua fraternidade, o panorama de  
horrores, presentes em nosso espí-  
rito, durante seis anos, torturantes,  
inesquecíveis e praticados por esse  
mundo além, ante o espanto mortifi-  
cado de todos nós.

\*\*\*

— A princesa Caçilda, orfã de mãe  
e filha do rei moiro de Toledo — Al-  
menon, além de ser donataria de  
seculares e fascinante formosura,  
possuía alma sensível, onde a bon-  
dade florescia em copiosas gracios.  
Jamais o seu coração se furtou a  
palpitar ansioso, ao contacto com  
alheias angústias.

Como companheira dos seus pas-  
sados, nos vastíssimos jardins do  
palácio real, fora dada à princesa uma  
escrava castelhana, primorosamente  
educada.

Certo dia em que a princesa se  
lastimava de lhe ter fallado o amor  
carinhoso e insubstituível da mãe,  
para guiá-la e acalentar-lhe a mocie-  
dade, a escrava comentava:

«Os cristãos, minha senhora, é que  
nunca se consideram verdadeiramente  
órfãos de mãe. Quando lhes falta  
aquella que os deu à luz, erguem o  
pensamento ao céu e lá descobrem  
imediatamente um coração materno,  
a amá-los, a orientá-los, nas horas  
dificéis, ou nos tortuosos caminhos  
da vida».

«Explica-me esse prodígio» — orde-  
nava Caçilda, trabalhada de curiosi-  
dade.

Neste passeio e nos outros que se  
lhe seguiram, a escrava procurou  
esclarecer a princesa, expondo-lhe,  
em largos traços, a essência das dou-  
nas cristãs, as excellências supre-  
mas do Amoroso Coração da Mãe de  
Deus.

O tempo foi doando as suas me-  
dinhãs de inesses e a alma de Caçilda  
permeável à fé, impregnada e cati-  
vada pelas práticas suavíssimas da  
escrava, abria-se, cada vez mais, ao  
amor do próximo, às fulgurâncias da  
caridade cristã.

No extremo dos jardins do palácio,  
levantavam-se as masmorras em que  
penavam miseros nazarenos. Em suas  
excursões, a princesa nunca as desco-  
bria, porque os ordens do rei se  
impunham terminantes: era vedado  
a quem a acompanhasse, sob rigor-  
osas penalidades, o permitir que ella  
estendesse all as suas digressões.

Certa tarde, porém, distraída pela  
coverna, aproximaram-se as passean-  
tes do local prohibido. O rumor de  
choros, lágrimas e gritos apunhalou  
o silêncio e chegou aos ouvidos da  
princesa, desobediente a rogos da  
escrava, cortados de soluços affitivos  
e que tentava mostrar-lhe como eram  
tremendas as suas responsabilidades,  
no transgresso das ordens reais.  
Tetnosamente, Caçilda se dirigiu ao  
sítio donde partia o rumor insolito  
e alarmante. Ao presenciar o espec-  
táculo hediondo de homens amarra-  
dos a grilhões, martirizados por indi-  
zíveis tormentos, assumiu a attitude  
corajosa de indisciplinada perante as  
ordens transmitidas pela escrava,  
assim levantando esta da culpabilidade  
e foi lançar-se aos pés do rei e implo-  
rou-lhe a clemência e liberdade para  
aqueles infelizes.

Não sendo mau, o rei Almenon,  
era extremamente cioso da sua auto-  
ridade e convicto mussulmano.

Embora amasse enternecidamente  
a filha, compreendeu que ella se  
deixara aprisionar por sentimentos  
de piedade que a levavam a longe de  
mal. Atreviera-se a imiscuir-se em  
negócios do Estado. Acrescia ainda  
que a interessava a favor dos indi-  
víduos, cuja religião contenda com



**ROSAS  
DE  
AMOR  
DE EMÍLIA DE SOUSA COSTA**

**BORGESCORREIA ILUSTROU**

a do profeta, representava para elle  
crim' autentico. Por isso, em voz  
tonitrante, ameaçou a princesa com  
severos castigos, se repetisse as sí-  
plicas em favor de infelizes à lei de  
Mafoma, e ásperamente lhe prohibiu  
o aproximar-se das masmorras, sob  
que pretexto fosse. Apesar dos pro-  
testos da filha, a escrava castelhana  
foi castigada e afastada do serviço  
da princesa.

Caçilda, stemorizada pela cólera  
do pai, que jamais até aquelle instan-  
te irado, curvou a cabeça e reti-  
rou-se. Lágrimas — milgalhinhas de  
amor e de piedade cristãos, desfilaram  
lentamente, silenciosamente, dos seus  
olhos negros, fulgurantes como sois.

\*\*\*

Ao fechar da Primavera, certa  
manhã serena e gloriosa, desceu Ca-  
çilda ao jardim acompanhada doutra  
escrava já velhinha, que se mostrava  
mais austera no cumprimento da sua  
vigilância e sentou-se com um car-  
marchão de climattas.

O céu era dossel de azul perfeito.

Os passaritos gozavam as canções  
festivas dos ninhos. O sol pincelava  
de tintas fosforescentes as frondes  
das árvores, pizava de poizão lu-  
cicante as rosas e os cravos e arran-  
cava brandas cintilheias das arelas  
proleadas que revestiam os passeios.

De súbito, uma borboleta multi-  
color passou numa das mãos de Ca-  
çilda e, cetero, levantou voo.

Correu a princesa em pós a bor-  
boleta, na tentação de apunhá-la.  
Esta, porém, seguiu ligeira, a destino  
prefixo e como convidando Caçilda  
a acompanhá-la. Não pôde a escrava,  
menos lépida do que a sua senhora,  
impedir o que se deu. A princesa,  
que nunca mais se atrevera a affron-  
tar a cólera paterna, por muito lhe  
ter doído o castigo injusto, applicado  
à sua escrava fiel, insensivelmente  
foi parar à frente das masmorras  
na qual gemiam muitos desgraçados  
cativos, famintos e sob o peso de  
ferros.

Caçilda, illuminada pelos resplen-  
dores cristãos do amor do próximo,

(Continua na página 14)

**PREPARARIA CARLOS**  
RUA AUREA, 34-38 ~ LISBOA ~ TELEF. 2 0244  
Especializada em livros de escrituração e Artigos de escritório

## POESIA E SINCERIDADE

COMO mensagem da vida interior a poesia presta-se, pela sua diversidade de estruturas formais, não só às mais eloquentes sinceridades como a todos os artificios e suas formas de comunicação directa, em que se aproveitam plenamente as possibilidades de ritmo, de beleza das palavras, de musicalidade, têm-lhe consentido a permanência como género em todas as épocas. Se a nossa lhe parece menos favorável, pela índole concreta, activa e social da mentalidade e da cultura contemporâneas, não quer isso dizer que ela não constitua ainda o meio de expressão mais necessário e inevitável de certas individualidades artísticas. O que é mais raro é que a poesia como expressão de consciência seja plenamente natural; que corresponda a uma verdadeira e profunda exigência interior; que comunique com permanência a todos os níveis de alma, as inquietudes, as ansiedades, os sonhos, mantendo a possibilidade da compreensão intensa nos que a leem.

Excepcionando personalidades excepcionalíssimas — e é, sem dúvida, o caso de José Régio — a poesia parece quase sempre «forçar o destino». Dizia Azorín, que ao destino, para nós, poetas ou pintores, é a acaso fuzido, ou o instinto, ou a força criadora de que não podemos dispor a nosso talante e se compraz em jogar conosco». E, na intensa maioria dos poetas do nosso tempo, parece-nos encontrar justamente o contrário do acaso fuzido — a intenção artificial e voluntária; o contrário do instinto — a deliberação interessada; o contrário da força criadora — o fabrico forçado de modos verbais sem correspondência interior. Na vasta pesquisa de soluções para tudo o que é vivo e decisivo na vida e na alma do homem, em que a nossa época de viragens fundamentais se empunha, a poesia parece dever humana pouco nada a plenitude que possuem a arte e a ciência genitais, aos que podem não só ser perfeitos mas ser sinceros, aos que têm um drama a converter em mensagem humana pouco nada a plenitude que possuem a arte e a ciência. A poesia verdadeira parece cada vez mais excepção. Não sumo o que é comum e fácil apenas artifício vão de um género decen-

«MAS DEUS É GRANDE», lírica de José Régio

Numa produção literária invertida e fúrcida, como é a deste país, a construção progressiva de uma obra como a de José Régio em que repetidamente se faz entrar a marca do génio, avulta com singular relevo. Vela-se reconhece aceno de plenitude, uma altura nunca diminuída, uma sinceridade ardente e calorosa que empolga a vida toda, que não pode dar a um artista em que se reflectem múltiplos dramas. E, na poesia, particularmente, não se trata de uma força criadora, a sinceridade, a plenitude, o ardente significado humano da obra de José Régio. Deu os seus primeiros livros de versos estranhos este escritor por uma poesia de sentido peregrinal, não como artifício de expressão em que seria fácil encontrar continuas falhas, mas por necessidade e apelo interior de alma que se procura e nunca se encontra nem suspende. Dal a extraordinária potência dramática desses versos em que se descobre uma consciência dolorosamente ficada sobre si mesma, a alma ao que é natural e simples na vida, sempre evadida do real que só aprende as contradições, os conflitos e os vazios imensos.

Com este livro «Mas Deus é Grande» — até pelo seu próprio título — julgáramos muitos que José Régio encontrou um ponto de chegada, um abrigo para a sua inquietude dramática, para as ansiedades e as dúvidas. Não creio que assim seja, nem que a iniquidade o tenha atingido. Manifestamente, na própria substância espiritual da poesia que não se recusa a sinceridade plena, seja qual for o rumo da sua pesquisa, da sua peregrinação, do que nunca atingido em contacto com o Absoluto, sempre permanecerá o drama e a desgarrada incógnita avencida de uma consciência que não nasce para «spaz das profundezas». A poesia de Régio é a sua própria carne espiritual:

«Alastra, sangue meu! que és espírito  
e exguas canções das minhas curvas  
[velas].»

Mas o seu destino irremediável é de continuar descendo «gelado e mudo» para o fundo do seu ser, sem nunca encontrar satisfação plena as ansiedades nem paragem quietas as solicitações que umas às outras se precipitam. Todas se impõem para além do pensável, sem nunca caberem no que ao espírito humano oferece a quietude das certezas.

«Sonhos tais ante os quais tudo mais  
O Amor, a Morte, Deus, a Eterni-  
[dades].»

Por isso muito mais se acusa o aceno da Morte do que o «aceno de Deus» nesta poesia que não reflecte um encontro mas um abastamento ainda mais perdido e insatisfeito —

porque se deparam, acima, além do que na pesquisa peregrinal se julgava poder ser o repouso da alma, outras dúvidas e inquietudes ainda mais vastas. A situação mística a que Miguel de S. e Melo — a quem este livro se dedica — se refere, «aceno de Deus na poesia de José Régio», aparece neste livro em plena expressão de inquietação e angústia e candura; mas esta inteligência estranha possui o trágico privilégio de se subverter sempre e maravilhosamente na sensibilidade infatável do que não é reflectido nem lógico e em que as aventuras da consciência se suspendam ou se fundam; é o de uma unidade íntima que nunca será alcançada, como bem se testemunha neste verso decisivo:

«...Valvens de Deus nas brumas do Ineu areia.»

No estranho e incurável drama deste poeta há muito de pascaliano pela angústia e pela expectativa, pela busca do infinito, pelo sentimento transcendente, pelo sentimento do trágico que reside em toda imperfeição. Como se os assuntos de vida e de condições-fatais — «porque demoras tanto a me afogar de vez?» — se contante e se impõem, não se sabe se se deixa conformar; e se há em Régio mais expressa possibilidade de suspenção e de paz, não é pela entrega cada vez mais trágica aos fantasmas vivos, mas pelo apelo da fraternidade, pelo desejo de uma comunhão, é, e tão poderoso é arrebatado na expressão sincera da sua poesia.

Não importa que o leitor que quer amar quer não, sou pessoal; não importa que só lhe pareça possível vir clamar no deserto do homem «tudo o que de cruel a vida lhe ensina», nem que lhe pareça vão querer «ser deles entendido, eu que me não entendo». Verdade tão profunda como a da inquirição interior que se confundem em um accecho de Deus o impulso místico para a fraternidade «com tudo e todos», mesmo que lhe pareçam satisfação para serem humanas — as causas que perfloram e as aspirações que os

Para a obra admirável que vem criando o mais importante é a intenção dramática da sua poesia — o desdobramento de um espelho interior em que se reflectem amarguras e desentãos sempre renovados, pesquisas peregrinais que nunca se extinguem, a angústia da imperfeição e a terrível ausência dos que se foram para sempre. Neste livro a poesia de Régio chega a atingir os paroxismos da insatisfação dramática da sua poesia, que substituem o ritmo interior, quase em absoluto, ao ritmo das palavras e dos versos. Este estilo de construções poéticas quase sempre perfloras continua a ser o mesmo que o admirável testemunho da genialidade

(continua na página 14)

## OLEGÁRIO MARIANO

que o requinte impavido da forma não exclui, evidentemente, a expressão sincera sensível. Em Olegário, porém, a poesia é mais feita, circunstância que muitos dos seus confrades na lirica, parilhão que parece ser, para eles, pouco agradável de ouvir. Se o romantismo um pouco cenográfico, exterior e mimopiano representa nele, de facto, uma maneira de ser, a poesia que o reflecte confina-se demoldado às sonoridades, às imagens opulentas, e aos símbolos mais ou menos banais para os que possuem atribuído significado de uma rica mensagem interior.

Para o comum é esta expressão lírica mais acessível, sem dúvida: mas falta-lhe para ser poesia «devalença», para constituir impregnacão culta de um espírito a vida, mais tarde em plenitude nas almas de todos os homens, esta intensidade de expressão humana, ou de vida interior que torna possível o génio na poesia, que tem, em si mesmo, os requintes formais, de aparatosos ritmos de externas referências; não é, fatalmente, de Nemesia e transporte à compreensão alienda uma genuína e original poesia. Nos versos de amor que a Portugália Editora revestiu em Olegário Mariano, um conjunto de lirica, parilhão, um apelo tor artefice de imagens — nas nuda mais.

LIVRARIA ECLETICA  
LIVROS NOTOS E USADOS

Compra grande e pequena  
bibliotecas

Calçada de Lisboa, 58 — LISBOA

## FACTO DO POETA

\* O general Ferreira Martins «in-  
quadrado», a publicação em fascículos da «História do Exército Português». Trata-se de obra documental interessante, vazada por apresentação gráfica muito apreciável.

\* Gentil Marques publicou «Saber mais sobre os trabalhos de divulgação sobre variados temas, em que não pode aprovar-se a proximidade da natureza da obra, mas a evidente insuficiência manifesta de preparação cultural do autor.

\* A Livraria Escolar Editora, com intuito de avaliação popular em que se utilizam boas fontes, editou em pequeno livro acessível «A História do Brasil» de E. M. Lins — modelo de perfetos iniciadores nos interesses mais vivos de uma cultura colada com a realidade e as suas condições de existência.

\* Na mesma editorial publicou o livro «Estudo sobre os assuntos de economia, Luís de Carvalho e Oliveira», um ensaio sobre «As crises económicas». O trabalho é bem documentado, simples e fácil na expo-

o notável poeta brasileiro Olegário Mariano tornou-se mais conhecido em Portugal pelo acidente de duas visitas com notoriedade oficial do que pela sua obra em que despertam os ecos do melhor lirismo do século XIX. Visitas de sensacionalismo muito diferente, por efeito de circunstâncias que o público não conhece mas que têm um pitoresco muito sabroso. Desencantos dos tempos levando aos desencantos de certos homens muito comprometidos neles...

A obra poética de Olegário Mariano apresenta todavia certo interesse. Não tanto pela originalidade e actualidade do seu estilo que, digam o que quiserem, não apresenta a originalidade convencional, não atesta relevante personalidade, mas justamente por significar a permanência no nosso tempo de um critério formal que sempre oferece recursos a quem se souber aproveitar bem. Olegário Mariano herdou, sem lhes acrescentar muita coisa, o estilo de Olavo Bilac ou Raimundo Correia criadores de mãrdreas legendas em

sicção e oferece oportunas referências para a reflexão exacta sobre problemas de que depende em muito o futuro humano da pátria.

Foi rediditida a interessante recolha de anedotas e epíslas do escritor brasileiro Bráulio Buarque dos séculos XVI e XVIII; e anunciou no prelo um volume referente a Brasil no completo de uma obra instrutiva informação sobre o que forasteiros viram e reflectiram em terras passadas.

Em selecção e com prefácio de Silva Tavares e Simões Müller, publicou a Portugália Editora uma colectânea de poesias do escritor brasileiro Olegário Mariano, sob o título «A vida que já vivi».

**RÁDIOS DE SOM MARAVILHOSO**



CASA  
**Jose Costa**  
SOM E BOM O  
RADIO  
RUA DE S. PAULO, 11-13/LISBOA/TEL. 2 4888

**MAYÁ**  
O FIGURINO DA MULHER ELEGANTE



O ALBUM DE MODAS  
QUE AS MULHERES  
PORTUGUESAS MERECIAM  
Lançamento  
**SPA** - Rua do Alecrim, 43, 1.ª - Lisboa  
Editorial Organizações  
Largo Trindade Coelho, 9, 2.ª - Lisboa



O novo ministro do Interior, sr. Marcelino Tasso, diante da comissão de honrarias do Conselho de Estado, ao sr. Alberto dos Reis, presidente do Conselho Nacional



Um aspecto da linguagem de homenagem oferecida pelo presidente, sr. Falcão Melo de Sá, ao sr. Alberto dos Reis, presidente do Conselho Nacional



O presidente sagaz Siqueira Thomaz, ao sr. Marcelino Tasso, ministro do Interior, e sr. Carlos de Azevedo, presidente do Conselho Nacional



No Palácio do Governo, o ministro Marcelino Tasso, ministro do Interior, ao sr. Carlos de Azevedo, presidente do Conselho Nacional, e ao sr. Alberto dos Reis, presidente do Conselho Nacional

**ALGUNS ASPECTOS DA CHEGADA À LISBOA DA "HOME FLEET"**



O cruzador chileno, o Tala, ao ancorar de sul



O almirante Neville Bickel, Amembaxador em nome português



O sr. Embaixador de Inglaterra, com o sr. ministro de Marinha e o almirante inglês



O sr. Neville Bickel com o sr. ministro-geral de Amadora



O sr. Presidente da Comissão de recepção e almirante de esquadra inglês



O Chefe de Estado com o sr. Subsecretário de Instrução e o almirante Neville Bickel

**Comemorações do Contador de Herólio Pinheiro**



Intimação de Herólio de Salazar e Rafael Bardele Pinheiro, no aniversário de sua vida, onde houve a grande artista



Ranqueo à casa de Rafael Bardele Pinheiro, no Conselho dos Pais

**A APRESENTAÇÃO DE GEMA DE RÍO À IMPRENSA PORTUGUESA**



A sessão apresentada Gema de Rio, realizada no jornal

**A ACÇÃO DO SOCORRO SOCIAL**



O almirante Bickel e o sr. Bardele, ao lado, em uma sessão social e outras ações de socorro social, realizadas em Lisboa, com o apoio do Conselho Nacional



**MEDICINAL**

**PASTA DE COUTO**  
**TRATA**  
*gengivas desarranchadas*  
*ou sangrentas*  
**EVITA**  
*stomatites mucosuriais*  
*ou birmuticas*  
**MATA**  
*os microbios da boca,*  
*que dão causa a tantas*  
*doenças graves*

- Medicinal pequena — tubo 1800
- Medicinal grande — tubo 1780
- Volgar pequena — tubo 4800
- Volgar grande — tubo 7800



**A VENDA EM TODA A PARTE**  
 Caixa pequena..... 3800  
 Caixa grande..... 8800  
 Dep.: COUTO, L. 4.ª — Porto  
 L. S. Domingos, 106

**SUAVE MAS FINNE**

Assim é a acção de LAXOBAC, o novo laxante. Muito recomendável nos casos de prisão de ventre obstinada e nos de evacuações irregulares. Quem não pode tomar purgantes, encontra no Laxobac um remédio agradável, sabendo apenas a opção chocolate.

«Laxobac» acaba com a prisão de ventre e é ideal tanto para os adultos como para as crianças.

**LAXOBAC**

Em todas as farmácias a Escudos 5580 e 12800 cada caixa. Lembre-se do nome.



*É distinto!*

**PREFERIR**  
**Guimar, Lda**  
**PARA DECORAR**

1951, Rua da Princesa 107, 106/108 no 10/10



**Ladislau Batalha**

(Continuação da página 7)  
 «Mas então, já agora foi divulgado por inúmeros representantes de grandes nações. Que estas coisas agora se comentem, não admira: é a influência inevitável das bombas que surgem de toda a parte. Sábios e não sábios falaram. Houve quem exagerasse e quem refreasse os ímpetos. Einstein falou, outros falaram. Sábios houve até, aos quais se pôde aplicar aquele flagrante, entrevistador e entrevistado:  
 — Pois amanhá verá...  
 — Mas eu não disse nada! — replica o entrevistado.  
 — Pois, então, não verá o que não disse!  
 Só houve uma coisa de que Ladislau Batalha se não lembrou da época em que escreveu tal livro ser também crítica. Foi das *Assembleias, das Conferências, dos Inspecctores, dos Directores, das Comissões, Sub-Comissões e dos Altos Comissários*, tudo para a energia atómica.  
 E se ele se lembrou — embora não fosse homem de ciência — que se tem afirmado ter-se descoberto a *energia atómica*? Se soubesse que se fala, com o maior a vontade, de *bombas atómicas e energia atómica*, como se fossem a mesmíssima coisa? Embora tivesse escrito em 1908, pasmava com certeza»

JOSE DA SILVA

**Rosas de Amor**  
 (Continuação da página 8)

«...ou apressada ao paiava, urtando-se as vistas da alfa. Dirigi-te leste aos seus aposentos. Agasalhou nas dobras fartas do seu vestido, ricamente bordado, alimentos que ali aguardavam teu regresso, todo o olhar contido no seu cotovelo privado. E, deixando estufetas escravas e cuxibeirolas que a esperavam para servir-lhe a refeição, do novo partito açodada, a levar aos desventurados nazarenos o socorro urgente que necessitavam.  
 Ao dobrar uma rua espessa de jasmimelros, o rei surgiu que nem aparição mágica. Surpreso, interrogou: «Tu aqui, minha filha, a correr e desacompanhada? Onde vais?»  
 «Atrás duma borboleta, linda como nunca vi e que muito desejava agarrar» — respondeu Caçilda assustada e perturbadíssima.  
 «E o que levas no regaço?» — insistiu o rei, a quem o susto e perturbação da filha não passaram despercebidos.  
 A princesa sentiu-se perdida. Mas rápido que nem um relâmpago, um pensamento cruzou o seu cérebro, iluminou o seu coração. Mentalmente viu Maria, Rainha dos Anjos, Mãe dos Afliitos — como lhe ensinara a escrava castelhana — e pediu-lhe protecção. Confiada em que a Divina Mãe dos nazarenos não falitaria à sua invocação, respondeu:  
 «Rosa! Colhidas no teu roseiral predilecto, meu senhor e pai!»  
 Desdobrando o vestido, das suas pregas se desprendeu e rolou chuva olorosa, cromática, estontante, de rosas belas, duma carnoso cetínea e melindrosa, como ninguém vira, em tempo algum, nos jardins reais.  
 House inacaudadas de bondade, rosas místicas de fraternidade e de amor!



L. MAITRE & FILS S.A.

**PRODUTOS QUE REJUVENESCEM A PESSOA**



**ASSEGURE A FRESURA E ROBUSTEZ DOS SEUS CABELOS USANDO**

*Petróleo iodado*  
**Cliper**

Os cabelos deixam de cair — Novos cabelos nascem com abundância

*Experimentar os produtos Cliper significa adoptá-los para sempre*

Porque é que o seu médico aconselha SULFADENTINA?



Porque usar SULFADENTINA representa uma defesa permanente contra as bactérias e torna os vossos dentes sãos como nenhuma outra.

**CRÍTICA DE LIVROS**

(Continuação da página 9)  
 artística de José Régio. Talvez seja mais completo, mais bem cingido ao

aviso de temas, mais largo e perfeito, o ritmo — dos versos longos cujo «ritmo moderado e majestoso na variedade consagrou com o insuperável poema «Barral ardentes», mas ainda neste livro se reconhece a capacidade formal difícil que triunfa na prova da metrificacão variável dentro do mesmo poema e nos versos curtos de sobriedade potente que não diminui o vigor da mensagem neles contida. É experiência estética notável, também — e neste livro a documentação — a expressão poética em versos clássicos de sugestão quinzenista. José Régio apresenta-se em «Mas Deus é grande» em domínio pleno das suas qualidades de artista que o consagraram entre os dois ou três maiores poetas da literatura portuguesa de todos os tempos. São revelações admiráveis deste livro, ainda o largo alento formal de «Soluco na noite», a arrebatadora representação de amações naturalistas em estados interiores, a força inédita de expressão das palavras e as simples e comuns.

Como artista, já José Régio se encontrou há muito; como consciencioso creio que nunca virá a encontrar-se nem a conseguir a unidade de seus dramáticos e desagraves e leituras morais de um potencial de «rae, no sentido literal do termo, na nitidez, que está, por aí fora do bem e do mal.



# SANTO ANTONIO DE LISBOA, DOUTOR DA IGREJA E SABIO PORTUGUÊS



Santo António, num magnifico quadro de Columbano

**S**E a elevação do Sacro Colégio de um novo Bispo português é, como muito bem disse o senhor Cardeal Patriarca, a participação da nossa Pátria na glória desta hora magnífica em que a Igreja vê abrirem-se à sua missão de universalidade, novos e mais largos horizontes; se a elevação do sr. D. Teodisio Clemente de Gouveia ao Cardinalato ergue, de maneira bem explícita e claramente expressiva, a consagração do nosso esforço missionário e civilizador no Mundo de todos os tempos, a proclamação de Santo António Doutor Universal da Igreja, feita recentemente por «Breves» pontificios do Santo Padre Pio XII é ainda, pode dizer-se, uma maior e mais alta afirmação da missão ecuménica de Portugal.

Santo António, o maior e mais ilustre português entre quantos desde sempre viram a luz da vida na boa terra lusitana, fica assim elevado às mais altas honras que podem ser atribuídas a um insento no Apologio Romano.

Santo de todo o Mundo, pela beleza das suas virtudes, pelo poder dos seus milagres, ele fica, também, agora apontado à veneração dos crentes e não crentes pelo valor espantoso do seu cabedal doutrinário e intelectual.

E se a figura do Santo, do homem de ascese, de oração e penitência a ninguém pode ser indiferente, nós, portugueses, talvez não incorramos no perigo de censura se afirmarmos que a do intelectual ainda porventura nos pode interessar mais. Sem de modo nenhum enfileirarmos entre os que clamam que Santo António, tal qual o cultivamos, é um santo desnaturalizado porque — a razão já está escrita e por pena literariamente autorizada — desde que saiu de Portugal nunca, que se saiba, manifestou interesse pelo seu país; e apesar da sua situação na Ordem nunca mais procurou manter o menor contacto com a terra que lhe foi berço — a verdade é que somos obrigados a reconhecer que toda a virtude, toda a santidade de Santo António quase inteiramente se revelou nas terras estrangeiras de Itália e da França.

Um aspecto há, porém, na vida do insigne lumiar do franciscanismo que se apresenta marcadamente, acentuadamente, essencialmente português. E esse é o aspecto da Cultura. Santo António é, no Mundo cristão, o primeiro grande embaixador da Cultura portuguesa.

Com o Papa João XXI, o ilustre Pedro Hispano, lisboeta nascido no coração da nossa cidade, com S. Frei Gil de Santarem, ele forma a trindade admirável que impôs a nossa Cultura, o nosso saber, em plena Idade Média.

E fê-lo de modo que espantou a Europa do seu tempo.

Numa época de heresias e arremetidas contra a Fé, Santo António foi mestre de doutrina.

Quando S. Francisco de Assis o mandou ler Teologia aos frades seus irmãos, consagrou não apenas a espantosa ciência do então humilde e desconhecido Frei António, mas, de igual modo, embora sem o saber, o valor da ciência portuguesa na primeira Renascença. E que tudo quanto Santo António ensinou em Tolosa, todo o saber e doutrina com que se impôs ao magistério, com que assombrou os frades menores, Forlì e o Papa e os cardiais em Roma, são obra e resultado do que aprendera na sua Pátria, primeiro na Escola da Sé Catedral de Lisboa, depois em S. Vicente de Fora e, por último, em Santa Cruz de Coimbra. Mal envergou o burel e cingiu o cordão franciscano, Santo António nada mais aprendeu, e no entanto foi sábio, tão sábio que Gregório IX, o Pontífice que o canonizou em Spoleto, chamou-lhe «Arca do Testamento», e disse que se os livros sagrados se perdessem bastaria a ciência de Frei António, que os sabia de cor, para que a Doutrina subsistisse e não passasse da memória dos homens.

De resto, já se escreveu algures: «A filosofia medieval nasceu e em grande parte gravitou em torno das religiões ou mais precisamente das teologias, das quais era solidária quando não subordinada. Esta relação verdadeira para os povos ocidentais da Idade Média, é-o de forma muito particular para Portu-

gal, pois é quase só na esfera da patristica e da teologia cristã que se move o vago, o ténue espírito filosófico. A primeira grande figura de ressonância e hoje de culto universal que nos aparece é o franciscano Santo António de Lisboa. Como acentuou o P.<sup>o</sup> Aloísio Tomás Gonçalves, é a Frei António de Lisboa que cabe a honra de ter colocado «S. Francisco em circunstâncias de resolver» a sua atitude «perante a ciência em geral e perante o estudo dela em relação ao Frade Menor».

António de Lisboa é o primeiro doutor franciscano nas suas três manifestações características: teólogo na catedra, pregador no púlpito, missionário no Mundo. É o primeiro dessa série esplêndida de sábios ilustres pelo saber e gloriosos pela santidade, série continuada por S. Boaventura, B. João Duns Escoto, B. Raimundo Lull, S. Bernardino de Sena, B. Bernardino de Asturias, S. Leonardo de Porto Maurício, Frei Rogério Bacon, Frei Nicolau de Lira e outros, quer da Primeira, quer da Terceira Ordem.

É este Santo António, o Santo António intelectual, Mestre de Doutrina que a Igreja põe agora oficialmente ao lado dum Santo Agostinho, dum S. Jerónimo, dum S. Tomás de Aquino e dum São Boaventura, uma consagração que é especialmente, principalmente, repetimos, feita ao Português, ao sábio produto da nossa cultura medieval.

Quando agora, por todo o mundo, se celebrar esta nova glória ao Santo nosso compatriota e se perguntar porque fez ele jus a tão grande e eminente título, há-de dizer-se que foi pelo muito que sábiamente aprendeu na sua terra de Portugal, pela ciência que, adquirida nos mosteiros portugueses, chegou para assombrar a gente intelectual do seu tempo e de todos os tempos.

É que Santo António não foi apenas o Santo de todo o Mundo, como o definiu Leão XIII, mas também, para nos servirmos da frase de Pio XI, um grande e admirável exemplo em que muito têm que aprender os sábios e intelectuais do Mundo inteiro.



1) Santo António — quadro de Murillo, no Museu de Sevilha. 2) Este quadro também é de Murillo e também se encontra em Sevilha, no Cojedral.



Fresco de Francisco de Goya, na ermida de Santo António de la Florida, em Madrid.

(Continuação da página 13)

O simpático realizador sorri, sorve de um gole o resto de Jerez do seu copo, e após uma pequena pausa, responde assim:

—Sabe, creio que a Europa é mais «interessante» que a América; os seus problemas são mais requintados... A Europa tem mais «plásticas», mais naturalidade, mais cor...  
—E qual era o melhor Cinema europeu antes da guerra?

—O francês — responde Garcia Viñolas imediatamente.

—E pode dizer-me porquê?  
—Em primeiro lugar porque a França conseguiu dar ao seu Cinema mais «matiz», em segundo lugar porque os seus realizadores, como René Clair, Duvivier, Fejder, Renoir, Carné e alguns outros, fizeram Cinema na verdadeira aceção da palavra. Deram-lhe «estranha» que se desconhecía. Como fenómeno colectivo, creio que é o mais interessante da Europa. Claro, há películas superiores às que a França produziu; mas, repito, como fenómeno colectivo a cinematografia francesa é superior a qualquer outra. Repare, digo é, porquanto os realizadores que lhe citei ainda estão fortemente vivos.

Lembrando-me que durante o Governo da Frente Popular em Espanha os cinemas de todo o país exibiam muitas películas russas, pergunto a Garcia Viñolas o que me pode dizer sobre o cinema da U.R.S.S.

—Não só por todas aquelas películas que vi voluntariamente nos cinemas da Gran Vía como também por todos aqueles filmes que, depois, na minha qualidade de autoridade cinematográfica fui obrigado a observar, cheguei à firme conclusão de que se trata de um cinema requivado... Falto-lhe, como técnico, de «puro», portanto, a intenção política dessa cinematografia.

O ex-Chefe do Departamento Nacional de Cinematografia, de Espanha, faz referência a algumas películas russas que lhe ficaram mais em memória. Diz que em poucas viu aquele sentido de «humanidade», aquelas cenas entrecortadas que comovem as plateias de todas as latitudes... Falá-me, contudo, muito bem de um filme de ambiente revolucionário onde numa cena de tufão num qualquer castelo — homens lutando, caras femininas chelas de pavor — a câmara segue, em dado momento, a corrida trágica de um poeta histórico, que em Portugal se apresentou como pertencente ao filme Alfonso Lopes Vieira, foi arrancado directamente da História e ali mesmo, naquela sala, discutida a sua «planificação». E falando dos intérpretes da mencionada película, diz-me que «Villar é um grande actor, um grande actor para papéis fora do vulgar, um actor para os personagens de Shakespeare». Em realidade todos os actores com quem lihei durante as filmagens de «Inês de Castro» eram belíssimos actores.

E Garcia Viñolas pronuncia com forte sotaque castelhano os nomes de Raúl de Carvalho, João Villar e Alfredo Rias.  
Ainda nevava quando sai de casa de Manuel Auguste, Garcia Viñolas, discutido e apreciado realizador espanhol.

## GRETA GARBO

(Continuação da página 21)

cos-nos; também eles andaram intrigados, durante muito tempo. Reuniaram-se até para discutir o assunto. Mas o «groom» e o «sencairegado de recepção» eram típicos de verdade. E garantiram que aquela não era, não senhor, a inesquecível intérprete da «Dama das Camélias».

Tratava-se — e aqui, confirmou-me, com os documentos — de uma cantora dinamarquesa, casada com um industrial espanhol. Tinham o passaporte daq... nacionalidade em comum. Marido e mulher, à face da lei e de Deus. Vieram de Madrid e para lá voltaram a escrever com eles — e já havia regressado ao seu destino.

Perfeitamente — retratou-me — retratou-me. Era uma «sóda», não resta dúvida. Por muitos distarces que Garbo pudesse adoptar, não lhe seria fácil falsificar os documentos de identificação. Mas, espantosamente coincidência: tinha o físico, a estatura, a voz e até à idade — 41 anos! — da famosa vedeta sueca.

«Groom», à saída, segredou-nos: —Sabe o senhor que me levou a pensar, a princípio, que era ela? A mania de andar «social» Nunca saíu com o marido. E passava durante horas, a pé, pelas ruas da cidade... Ohi prestígio da publicidade! A lenda do seu isolamento — a operar maravilhas!

Claro, em baixo, no «Palladium», deram-nos a notícia, já depois do momento desvendado.

—Sabe? Está é a Greta Garbo! Ven filmar a «Rainha Santa», com o Villar. O capitalista português disse que só dava o dinheiro, se ela fosse

pre condicionado pela economia. Deste modo, Portugal não tem, neste campo, grandes possibilidades de expansão. Todavia, há no país irmãos bons realizadores como Leitão de Barros, Lopes Ribeiro, Artur Duarte, Brum do Canto e outros que, por acaso, ainda contem pouca.

Conta-me, então, que durante uma das suas estadias em Lisboa, Lopes Ribeiro o levou certo dia a um núcleo cinematográfico. E garante-me, então, cheio de contentamento, que a existência de tal entidade em Portugal, onde se discutem filmes como noutras se discutem obras literárias, é índice seguro de que o país onde tal acontece, é um país cinematográfico, é um país que sente o apaixonado impulsionado da Cinematografia. Nesse sentido, diz ter encontrado um grupo de homens novos, estupidamente preparados. Pergunto-lhe se em Espanha há reuniões do mesmo tipo. E em face da sua negação, afirmo-lhe a minha grande admiração pelas publicações cinematográficas espanholas, entre as quais avultam as revistas «Primer Plano» e «Cámaras». Sei nesse momento que o realizador espanhol de «Inês de Castro» foi o fundador da primeira destas estupidamente literárias. Mas a interrogação faticida não se fez esperar.

—E como vê o actual Cinema espanhol?

—O nosso Cinema atravessa presentemente um momento crítico que não há mais remédio que recomber-se. Eu não sou pessimista sobre o futuro do Cinema espanhol; porém não me sinto que lamentar, sinceramente que se tenha deixado chegar o nosso Cinema a este extremo.

—Mas há falta de filmes...

—Sim, e principalmente falta de confiança nos elementos produtores. Grande parte dos nossos estúdios estão desertos...  
—E acha digna de interesse a chamada colaboração luso-espanhola?

—Sim, é muito interessante. Encontrá-la-ei tanto mais interessante sempre que se saiba «osificar».

Já de pé, e enquanto Garcia Viñola nos mostra os seus livros portugueses, voltamos a falar-lhe no êxito cambante em Espanha em 1946 — «Inês de Castro». E então que Viñolas me garante que o argumento daquele filme histórico, que em Portugal se apresentou como pertencente ao poeta Alfonso Lopes Vieira, foi arrancado directamente da História e ali mesmo, naquela sala, discutida a sua «planificação». E falando dos intérpretes da mencionada película, diz-me que «Villar é um grande actor, um grande actor para papéis fora do vulgar, um actor para os personagens de Shakespeare». Em realidade todos os actores com quem lihei durante as filmagens de «Inês de Castro» eram belíssimos actores.

E Garcia Viñolas pronuncia com forte sotaque castelhano os nomes de Raúl de Carvalho, João Villar e Alfredo Rias.  
Ainda nevava quando sai de casa de Manuel Auguste, Garcia Viñolas, discutido e apreciado realizador espanhol.

## As mulheres que amaram

### OSSE

(Continuação da página 17)

Depois de Jorge Sand, Irene de Alton, com a esplêndida formosura dos seus vinte e cinco anos, deslumbra o poeta. E loira e tem olhos azues — contraste profundo entre a autora do «Indiana» e aquela que nós adivinhámos no retrato que Musset traçou de Beatrice Donato no «Fidélité». E, de facto, o amor que o atral trouxe ao sentir impressionado por esta formosa mulher, ou é apenas uma tentativa para se esquecer da Jorge Sand, a quem talvez exixasse ficar por sempre o coração? Depois de Irene de Alton, a Luísa Collet — é Paulina Garcia Vilardot, a cantora que havia de apaixonar por Litz quando o grande compositor era apenas seu professor de piano; e a seguir a Paulina é Raquel, a actriz espanhola que Paris tem por ídolo, mulher duma beleza cálida a cujo espírito e formosura se abrem os salões de M... de Recamier nos grandes de Noisilles... Amou-a Musset?

É provável que com elas dispasse o seu entusiasmo de jovem indiano do amor. Luz fugitiva que logo se desfaz na poeira duma claridade indecisa.

O sol mesmo que brilha na glória do Poeta, a eterna chama que iluminará até à morte a sua alma, o verdadeiro amor de Musset, aquela que será sempre uma teimosia e obcecante recordação — chama-se Jorge Sand.

JOHGE RAMOS

**USE SEMPRE**



**ESCOVAS DE DENTES**

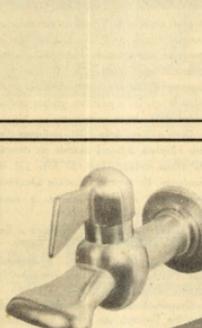
“(Raga)”

“Spa” a nova escova de dentes com pêlos de “nylon” representa um grande adiantamento na hygiene dental. “Spa” limpa melhor os dentes, dura mais e é muito higiênica. Uma simples ensaquadela e “Spa” fica 120 limpa e elástica como quando foi comprada. Dureza média e rija. A vend em toda a parte.

Fabricadas por  
**JOHN FREEMAN & CO. LTD.**  
SPA Bruns Works, Chesham, Bucks, England

Deposítarios: J. Pires Tavares, Sucrs.-J. da Silva Pires, L.ª - Lisboa

**para a hygiene dental!**



**TORNEIROS TAGO**

EVITE os incomodos e aborrecimentos utilizando em sua casa os Torneiros TAGO

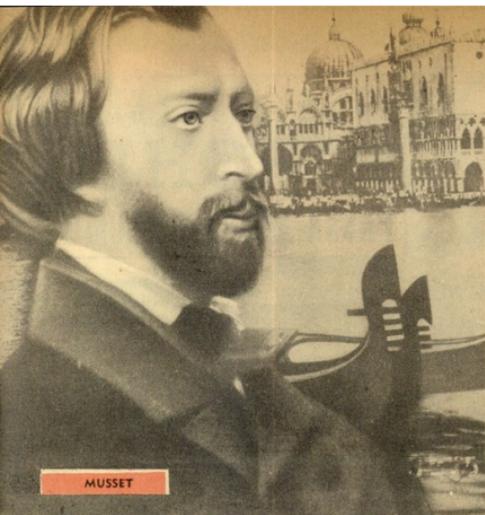
**TORNEIROS PARA TODAS AS APLICAÇÕES**

**MEIAS AMERICANAS**  
(NYLON-DUPONT)

**51 Gauge**

**A autentica meia de vidro**  
Recebemos directamente em todos os tamanhos

**MEIA DE VIDRO**  
Rua Augusta, 158



MUSSET

MUSSET é o embaixador da Poesia sentimental do seu tempo: representa uma escola romântica que começa com ele, em 1830, sem contacto algum com o lirismo de que Lamartine foi mestre em 1790. Foi o portador duma nova mensagem poética: a sua arte não terá a eloquência do autor do *Jocelyn*, mas sobreleva-a em sensibilidade. É o poeta do Amor, arrebatado e enternecido. Aos vinte anos publica o primeiro livro de versos. É uma revelação. Um sopro de idealismo audacioso, de juventude romanesca onde o sangue ardente do entusiasmo se exalta em versos duma harmonia suave, impõe essa imaginação que parece alimentar-se da irrealidade do sonho, e procura apenas coroar o Amor com uma grinalda maravilhosa de heróismo e de aventura.

Um dos seus biógrafos, Maurice Daumy, reconhece que com o aparecimento do primeiro livro de versos de Musset, o mundo se encontra diante dum dos maiores espíritos que fez do amor um evangelho—à bíblia onde os sentimentos e as paixões se unem vibrantes e comunicativas: *«Jamais on était entré dans la littérature avec plus de jeunesse et d'imperthence. Quelle grâce et quelle*

*flamme!*. De facto, até então, não surgira um poeta que nos revelasse a Poesia como instrumento sagrado donde é possível arrancar estremecimentos sublimes para definir o tumulto das paixões humanas.

Musset reconhecia que todos os amadores formam uma comunidade que um só sentimento humaniza. A primeira paixão de Musset—tinha dezassete anos—foi M.<sup>me</sup> B.. Não será a Jacqueline do *Chandelier* que esconde o perfil dessa mulher que primeiro feriu o seu coração?

«*Apákonou-se*» depois por Maria Nordier, uma morena de belos olhos negros em que se escondia uma alma delicadíssima de poeta. Alfredo de Vigny traça o esboço rápido desse amor efêmero, nos melhores versos que compôs, e Félix Arvers escreveu a propósito um soneto célebre.

Sainte-Beuve dá-nos a entender que o poeta das *Chansons* fazia a corte a todas as damas com quem dançava, e Gustavo Planche vai mais longe: denuncia os seus amores escandalosos com M.<sup>me</sup> de Champollin e M.<sup>me</sup> Hermine Dubois, cada vez mais submissa e enamorada. O livro do poeta, *«Contes d'Espagne et d'Italie*», suscitou à sua volta a corrente da curiosidade feminina. Alfredo de Musset

gozava o prestígio de ser o poeta do Amor. Era o filho predilecto das Musas, o feiticeiro que entornava sobre o coração das mulheres as seduções do filtro mágico da sua arte. Corria-lhe nas veias a sensação do amor insatisfeito que morre e resuscita incessantemente. Além disso, Musset juntava ao seu talento e à vivacidade do espírito, a elegância provocadora dum «dandy» cujo aparecimento era sempre sensível nos magníficos salões do *«boulevard de Gand*.

Jantava no café de Paris, e, como aponta Roger de Beauvoir, *«promettait des glaces chez Tortoni*. Fazia a vida dum gentil homem com o luxo ostensivo da época, companheiro do conde de Vielcastel e do príncipe Belgioso, rivalizando em elegância com Jorge Bummel, esse novo Petrólio que aparecia nas recepções para as deslumbrar com as suas casacas de linha impecável e o seu ar imperturbável de grão-duque...»

A par desta vida aparentemente fastuosa, o poeta levava uma existência de boémio. Não tinha palácios nem esplendidos cavalos como o seu amigo, príncipe Eckmühl. Dissipava dinheiro. Depois jantava modestamente por quarenta esous, desaparecia da sociedade que frequentava — sucedia-se ao homem elegante e mundano, o rapaz boémio que apreciava os prazeres do outro meio social: o vinho, o jogo, as noites perdidas, o amor fortuito... Como acontece com os grandes homens, a vida de boémio deu à sua obra o melhor da sua inspiração. E nem por isso diminuiu o número das mulheres que o amaram. O seu prestígio aumentava, e com a glória que lhe sorria, o Amor abria-lhe os braços de muitas aristocratas. Amou-as a todas com a sinceridade duma juventude que tudo

desejava. E todas passaram na sua existência—não só senhores de alta linhagem como simples burguezinhas—como um relâmpago que ilumina um caminho.

Uma mulher, porém, havia de ficar eternamente no seu espírito, ligando o seu nome célebre ao nome imortal do autor de *«Les Nuits*: a jovem baronesa Dudevant, Armandina Lucília Aurora, que tornou célebre o pseudónimo de Jorge Sand como romanista de *«Le combray*. Fez a felicidade. Musset tinha vinte e três anos. Jorge Sand era a «*smaller iden*» do poeta, uma materialização prodigiosa do seu sonho. Havia qualquer coisa nela da bellissima andaluz de grandes olhos escuros que o poeta cantara na *Mardoche*.

Amaram-se com paixão—um amor carnal e espiritual, absorvente, delirante, envolvente...

A escritora era uma formiga infatigável, trabalhando dia e noite nos seus romances. A insuagração do poeta era preguiçosa, e dessa indolência apenas brotavam, de vez em quando, alguns versos que eram o canto da cigarras...

Estavam verdadeiramente enamorados. Procuraram para a sua paixão o cenário romântico de Itália com a docura lírica do seu céu azul, o encantamento doirado do Mediterrâneo, os jardins em flor envoltos num bafo ardente e penetrante. Descem o Rhône, vão de Lyon a Avignon, onde encontram Stendhal. Em Marselha embarcam para Génova. Musset principia o *Lorenaccio*. O sol da Toscana chama-os. A lua de mel continua em Florença.

O romance de amor dura ainda — mas pode dizer-se que acabou em Veneza.

(Continua na página 16)

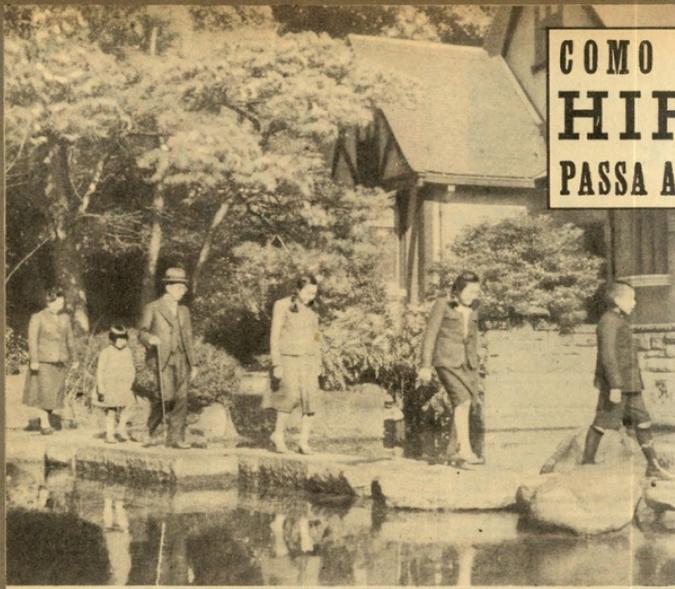


LOUISE COLET

RACHEL, num retrato de Devérin

PAULINE GARCIA-VIARDOT

# COMO O IMPERADOR HIROHITO PASSA AGORA OS DOMINGOS



Em fila indiana, a família real japonesa dirige-se ao pavilhão situado nos jardins do palácio que serve muitas vezes de local de meditação de Hirohito.

O imperador e o príncipe real gostam muito de ler as histórias cômicas dos jornais americanos.



\*\*\*\*\*

É vulgaríssimo, como sabemos, na América, os admiradores de determinado artista agruparem-se em clubes, a que dão o nome do seu ídolo.

Algumas vezes isso será resultado da admiração de muitas pessoas pelo artista, mas na maior parte dos casos, não falta quem ganhe que se trata de truques de publicidade, preparados, com mão de mestre, pelas empresas americanas a quem interessa elevar, aos olhos do público, qualquer artista seu contratado.

Se há, até, quem jure que as meninas que desfilam ao ouvir cantar Frank Sinatra recebem um tanto dólares por cada desfilado...

Mas o certo é que os clubes de efans são cada vez em maior número e, todos eles, conseguem agregar inúmeros entusiastas.

Há inúmeros clubes e até escolas com o nome de Shirley Temple; mas o que se está fazendo com Sinatra excede, de longe, todos os limites da mais louca publicidade. Uma jovem americana declarou, ainda há pouco, indiscretamente, a um jornalista, que ganha a vida desmoldando nas festas em que canta o famoso ídolo americano...

E quando, em qualquer festival, actuam vários artistas titulares de clubes de admiradores, estes comparecem em massa, animando a sala com os seus cartazes onde se lê o nome dos ídolos e animando os artistas com os seus gritos de entusiasmo...

1 Cada artista tem o seu grupo fiel de admiradores

2 O entusiasmo, como vêem, é delirante!

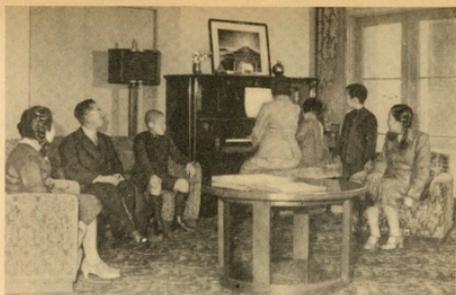
3 Outra praga: as escaçadoras de autógrafos.

4 Vejam como esta pequena abraço, amorosamente, o retrato do Sinatra! Coitada!

\*\*\*\*\*

## OS CLUBES DE "FANS" ESTÃO EM PLENA ACTIVIDADE!





A mesa está posta para o almoço de domingo. Sentados à mesa (no sentido dos ponteiros do relógio) vêm-se o príncipe Mashahito (10 anos), a imperatriz, o príncipe Atsuko (14 anos), o príncipe Takako (6 anos), o príncipe real Akihito (12 anos), o imperador e a princesa Kazuko, 16 anos. 2) Depois do almoço, enquanto o imperador descança no sofá, a imperatriz dá lições de piano à princesa Takako.



Akihito, o príncipe real, puxa a cauda e uma das galinhas Leghorn, que são o encanto da sua mãe e esposa do imperador.



O único neto do imperador, Nabukiko, de 11 meses, e nascido durante um arado aéreo, vem visitar o avô num carrinho v-n-tanto ou avante fora de moda. Os outros são o filho mais velho do imperador, Shikogo, de 20 anos (ao detrás do imperador) e o príncipe Higashi-Kuni, de 29 anos (à direita).



O imperador entretém-se muito a regor as flores...

O laboratório do imperador tem o mais moderno equipamento.

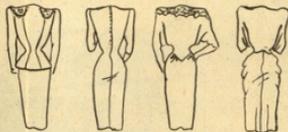


O imperador lê o "The Times". Junto vêem-se dois bustos: Lincoln e Darwin.

Para si,  
minha senhora...

**4** MODELOS  
ORIGINAIS DE  
ARMINDA PEREIRA

Exclusivo do  
"Vida Mundial Ilustrada"



**1** Modelo original e extremamente chique, valorizado por uma espécie de cobção ricamente bordada.

**2** Vestido simples e moderno em «merrocain» bege, inteiramente drupado. Leva duas lindas aplicações que prendem o franzido da saia.

**3** Modelo inédito em crepe cinzento pérola, tem como ornamento um delicado bordado de vidrilhos negros que prende os drapedos do corpo e da saia.

**4** Este elegantíssimo vestido para a tarde, compõe-se de duas peças. Feito em seda pesada ou veludo negro com o frente em renda fina ou bordado.

# OS PRÉMIOS DA ACADEMIA

por Fernando Fragoso

**A** pouco e pouco, com a lentidão que se não compadece com a nossa curiosidade, vamos conhecendo a lista dos prémios outorgados pela Academia Americana de Artes e Ciências Cinematográficas. As opiniões são divergentes, com o visto que lhes ficou de seis anos de guerra, e talvez por isso não que estas coisas do espírito não perdendo o interesse na face da terra, limitarmos-nos a dizer quem foram os artistas que ganharam o título de «os melhores do ano». Todos as suas preocupações de informação se voltaram ainda para o rescaldo do conflito que incendeiou o mundo. E, assim, em lugar de transmitir o título do filme premiado, os nomes dos artistas vencedores, a lista, enfim, dos restantes técnicos galardoados, entendemos que nada disso interessa a quem do mundo vive apenas com os olhos postos nos skurdos, nos movimentos de tropas junto à fronteira da Turquia—e nas opiniões e colichinhos daquelas mil e uma pessoas mais ou menos responsáveis, que buscam afanosamente uma paz que o vento da guerra parece ter levado para bem longe.

Entretanto, e enquanto os tempos não correrem precipitados a estes jogos espirituais, socorramos-nos de elementos dispersos para tentar conhecer os resultados das nomeações feitas. E assim, podemos, desde já, estabelecer as seguintes:

- Melhor actor: Ray Milland.
- Melhor actriz: Joan Crawford.
- Melhor filme: «Lost Weekend».
- Melhor realizador: Billy Wilder.
- Melhor screen-play: Charles Brackett e Billy Wilder («Lost Weekend»).

Já nos referimos largamente, no número anterior, aos dois artistas que conquistaram os trofeus relativos à interpretação. A proposta do trabalho de Ray Milland, demos indicações sobre «Lost Weekend» de Billy Wilder, filme que, só por si, conquistou vários «Oscars» (melhor intérprete, melhor produção, melhor realizador, melhor argumento cinematográfico). Inútil frisar que tal circunstância nos garante, de antemão, a alta categoria daquela obra. Segue assim na esteira de outras películas multi-galardoadas: «Uma Noite Aconteceu», «E Tudo a Vento Levou», «O Bom Pastor», «A Família Minerva», etc. Liberto contra o ateísmo, uma obra moralizadora e construtiva, «Lost Weekend» parte, deste modo, à conquista do mundo, carregado de prémios que o impõem à curiosidade e à consideração das turbas. E consagra, dum golpe, o nome dum realizador em que a atenção do público ainda se não havia fixado, se bem que já nos tivesse dado provas que o impunham entre os melhores. Quem é este Billy Wilder, que para muitos surge inopinadamente com o título máximo, batendo nitidamente Leo Mac Carey («The Bella of Santa Maria»), Clarence Brown («The National Velvet»), Jean Renoir («The Southerner») e Alfred Hitchcock («The Spellbound») — candidatos oficiais ao título e cujos nomes figuram entre os dos maiores directores do mundo? Quem é o Billy Wilder que, num ano só, ganhou dois prémios (realização e planeamento), pela dupla actividade no mesmo filme?

Billy não tem uma história longa. Mas nem por isso deixa de ser interessante. Nascu em Viena, e dedicou-se ao jornalismo desde muito novo. Um dia, lembrou-se de escrever um argumento, que o Ufa aproveitou. Tinha um título estranho: «Gente de Segunda-Feira», e não sei se foi de molde a entusiasmar a prosseguir. Em Paris dirigiu um filme, «Mauvaise Graine». E em 1933, foi para Hollywood, contratado como argumentalista. E, desde logo, começou a notabilizar-se. Todos os filmes em que colaborou ficaram entre os melhores do ano: «Ninotchka», «Midnight», «Arise My Love», «Ball of Fire», «Fool Back to Back», etc. Em 1942, colaborou no argumento e realizou «The Major and the Minor», que Lisboa viu com o nome de «A Terrível Summa». Comida adovada com uma interpretação notabilíssima de Ginger Rogers. E em 1943, realizou «Double Indemnity», que o Eden nos deu, no fim da época transaccão, e se revelou de tal categoria que foi candidato ao prémio da Academia — e venceu pelo portentoso «O Bom Pastor».

«Lost Weekend» é, pois, o quarto filme que Wilder realizou, com participação efectiva na construção do argumento. E conquistou, pelo menos, quatro trofeus, três dos quais são da responsabilidade directa de Billy Wilder. Se os prémios da Academia não tivessem outorgado mérito — e muitos têm — a circunstância de chamar a atenção do mundo para um homem de tal envergadura, e que ontem, para o grande público, era pouco mais do que um desconhecido, constituiria razão de sobra para os impor como úteis — e necessários.

Ontem, era o comandante Robert Montgomery. Esteve em muitos teatros de guerra, da Europa e do Pacífico. Agora foi colocado no reserva da Marinha. E regressou aos estudos, onde já está a filmar.

Lucille Ball, o esparapio do cabelo cor de fogo, que ainda há pouco vimos em «Com Eles não se Brinca», no lado de Dizi Arnez, actor do cinema americano, agora nas forças aéreas dos Estados Unidos — e ainda não desmobilizado. A fotografia fez falta quando da sua última filmagem em Nova York — e mesmo altura, nenhuma das duas sobe as mãos que a futura lhe reservou, nem quando chorou o foz, que veio encontrar Dizi quando a sua esquadriinha se preparava para cooperar no bombardeamento de Toquio.



O prato favorito de Risi Stevens e cato, costelões do carneiro e salada de tomates. Risi, cantora famosa, que fomos visto em vários filmes, quis fotografar-se deste modo, de preferência à qualquer outra. Imitamos-nos cultivando o pantagolico. Os leitores podem adoptar o seguinte. E se quiserem mandem-nos depois o retrato, para sabermos exactamente, quais são as vossas preferências em face do elemento.

Depois do quatro anos do serviço no Pacífico e na Europa, o tenente Robert Montgomery acabou de ser desmobilizado e colocado no reserva da Marinha. Aqui o vemos no restaurante da Metro, cumprimentando a criada Jeannette Sprenken, que ou serve há dezassete anos, e que pela primeira vez o atendeu quando Robert, pelo primeira vez também, entrou nos estudos.

Assim se desvenda o mistério que intrigou a cidade...

## GRETA GARBO AFINAL, NÃO ESTEVE EM LISBOA!...

**A** notícia correu, há dias, com todos os visos de verdade: «Greta Garbo — afirmava-se solenemente — encontrava-se em Lisboa». E os portmoures surriam, a pouco e pouco. Para a vista em companhia de uma senhora da alta sociedade, casada com um banqueiro muito conhecido em casa de quem se hospedara. E era ela — garantiam-se — com os seus cabelos escorridos, a sua voz de tonalidades graves, o corpo masculinizado, os sapatos sem tacões e os pés enormes — que são há muito tempo os seus pés de pávulo.

A notícia chegou às redacções e foi considerada. Sim! A presença de Garbo em Lisboa nada tinha de extraordinário. Rescindido o contrato com a Metro, Garbo fora indicada como principal intérprete em Londres da versão cinematográfica de «Santa Joana» de Bernard Shaw. A situação que criou com a recusa em participar na campanha de Hollywood para venda de títulos do empréstimo de guerra trouxe-lhe a perda total da popularidade entre os «yankees». Assim, sem contratos e sem público, e com a possibilidade de filmar em passagens por Lisboa, a caminho dos estúdios britânicos.

«É ela» — não resta dúvida, asseguravam — que tinham visto. Não é confundível. E os pobres jornalistas suaram as estopinhas para des-

cobrir os traços da artista, que é mestra, como todos sabem, na arte de «desplatar... Tudo em vício. Garbo permanecia em eclipse total... E os dias correram, sem que nada se resolvesse.

Entretanto, a misteriosa artista ou a sua «sósia», tornou a dar que falar. Como necessitasse arranjar o cabelo, entregou-se aos cuidados de um dos mais célebres cabeleireiros de Lisboa. Este, de facto, surpreendido e maravilhado, não resistiu a fazer-lhe a pergunta, que desde que ela entrara o mistério de curiosidade.

— V. Ex.ª não é a Greta Garbo?

A dama misteriosa sorriu. Sorriu contra a «Ninotchka» diante do Melvyn Douglas. E respondeu, na sua voz nasalada e profunda.

«Não, não, não sou eu a Greta Garbo. Tenho a mesma idade, a mesma altura, o mesmo físico, a mesma voz. Mas não sou eu a Greta Garbo.

Um jornalista seguiu-a. Vivia então num hotel de luxo. Soube que estava ali hospedada. E chegou ao jornal, radiante com a escálar.

Quando ali fomos, instantes depois — eramos já o terceiro representante da imprensa em busca de notícias.

— Vimos aqui... — por... da Greta Garbo, não é verdade? — voltou o «conciérge» com um sorriso... A um gesto de assentimento, expli-

(Continua na página 16)



Vigilho Teixeira e Eugénio Salvador, numa cena de «Cois do Sodré», filme dirigido pelo técnico espanhol Alexandre Perlo, e cujo estreio se anuncia para breve.



## MOTORES SEMPRE LIMPOS

Ter o motor sempre limpo é uma das medidas indispensáveis para se obter bom rendimento.

O Mobiloil do após guerra, além de oferecer maior resistência à temperatura, apresenta a valiosa característica de se poder depurar automaticamente, contribuindo assim para se obter o máximo rendimento dos carros.

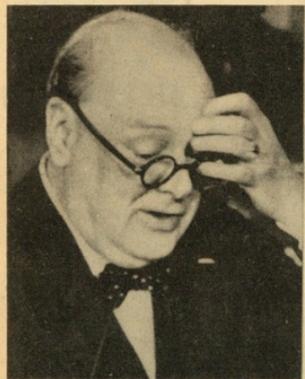
Eis um facto de inegável importância numa época em que os automóveis em circulação atingiram uma média de 10 anos de serviço!

Meta

**MOBILLOIL!**



# ASSIM FALOU CHURCHILL...



- 1) Deixem-me afirmar que não tenho qualquer missão oficial, e que falo apenas em meu nome! 2) É um momento solene para a grande democracia americana! 3) Defendamos a Humanidade contra a guerra e a tirania! 4) As perspectivas são inquietadoras! 5) Prêguemos o que praticamos e pratiquemos o que prêgamos! 6) Savia errado entregar o segredo da bomba atômica a um país comunista!  
7) Agora, neste momento de indizível tristeza, estamos mergulhados no fome e na miséria! 8) Se os democracias ocidentais se mantiverem unidos, ninguém poderá molestá-las!... 9) ...mas se nos dividirmos ou faltarmos ao cumprimento do dever, então uma catástrofe pode esmagar-nos a todos!

Avermelha as gengivas  
Avermelha as gengivas  
Avermelha as gengivas  
Avermelha as gengivas

**CARMIM**  
CREME  
TORERO

Pasta dentífrica  
Pasta dentífrica  
Pasta dentífrica  
Pasta dentífrica

**CARMIM**  
CREME  
TORERO

E branqueia os dentes  
E branqueia os dentes  
E branqueia os dentes  
E branqueia os dentes